

cio de autonomia individual, tendo como fundamentação os direitos reprodutivos; num outro universo sociocultural essa *opção* pode estar a serviço de cumprir um destino de mulher que deve procriar a qualquer custo.

Levar em conta estrato social, gênero e idade nos auxilia a não cair em universalizações – que longe de serem sinônimos de competência em pesquisa, nada mais são do que posicionamentos ingênuos –, pois tanto a universalização como a relativização sem parâmetros, obscurecem a compreensão dos fenômenos estudados.

Pensando em relações de gênero, o texto de Naa-ra Luna, *Novela e Biotecnologia: os Pais de 'O Clone'* (novela exibida pela TV Globo), é um bom exemplo sobre a nossa responsabilidade na produção de conhecimento. A autora chama a atenção para um diagrama explicativo do processo de clonagem, extraído de um artigo publicado na revista da FAPESP. Nesse diagrama, o ser que será reproduzido é representado pela figura esquemática de um ser humano do sexo masculino; já a mulher desaparece, não lhe deixam nem os contornos, mostram-se apenas partes: um óvulo sem núcleo e um útero.

Uma outra discussão que envolve responsabilidade é feita por Martha Ramirez. Em *Questões e Desafios Decorrentes da Fabricação de Bebês*, a autora problematiza o silêncio e a falta de reflexões, nas ciências sociais, a respeito da tecnologia da vida humana. Traz para o debate questões ligadas à mercantilização do campo das novas tecnologias conceituais. Argumenta que dentre os desafios está a necessidade de reflexão sobre especificidades locais, evitando a diluição numa lógica globalizada. Como exemplo propõe explorar conexões entre reprodução assistida e adoção de crianças a partir da expansão da reprodução assistida no país.

Fechando a série de artigos, Débora Diniz, em *Quem Autoriza o Aborto Seletivo no Brasil? Médicos, Promotores e Juízes em Cena*, estabelece um contraponto para a temática geral do livro, polemizando o uso (e não uso) de tecnologia contraceptiva. A autora nos brinda com uma análise brilhante e nos provoca para pensarmos tanto as responsabilidades que se articulam nas negociações de processos decisórios como a crueldade de determinadas decisões oficiais.

Concluindo, os artigos acima discutidos mostram, com efeito, que no Brasil começa a se formar um campo de estudos sobre as novas tecnologias reprodutivas conceituais, no âmbito das ciências sociais, marcado pelo diálogo com diferentes domínios de saber. Mais do que ajudar os diferentes casais (heterossexuais ou homossexuais), os profissionais da saúde e os pesquisadores e pesquisadoras do tema a refletirem sobre o uso dessas técnicas, conforme afirma Miriam Grossi, esperamos que o livro ora comentado contribua para que esse debate seja considerado no âmbito da saúde pública e na formulação de políticas no campo reprodutivo.

Vera Sonia Mincoff Menegon
Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social,
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

FLEBOTOMÍNEOS DO BRASIL. Elizabeth Rangel & Ralph Lainson (org.). Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2003. 368 pp.

ISBN: 85-7541-0020-2

A carência de livros-texto em algumas áreas do conhecimento no Brasil é notória, sobretudo em entomologia médica, que envolve o estudo de diversos vetores de importantes doenças transmissíveis endêmicas no país. Embora com esporádicos lançamentos no mercado editorial, como o oportuno *Entomologia Médica e Veterinária*, de autoria de Carlos Brisola Marcondes, lançado em 2001 pela Editora Atheneu, existe uma demanda significativa nessa área de publicações específicas direcionadas ao estudo de vetores de importantes endemias, como leishmanioses, malária, dengue e febre amarela, filarioses etc. Neste sentido, o lançamento de *Flebotomíneos do Brasil* visa a atender, na apresentação dos organizadores, aos estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de serviços de saúde pública interessados no estudo dos vetores das leishmanioses tegumentar e visceral no Brasil, e demais espécies da nossa conhecida e diversa fauna flebotomínica. É esta a proposta geral do livro recentemente lançado pela Editora Fiocruz.

O livro é composto por oito capítulos em 367 páginas, que foram redigidos com a colaboração de dezessete especialistas na área e pelos organizadores. Os capítulos são constituídos pelos seguintes tópicos: importância médico-veterinária, morfologia e taxonomia, distribuição e habitats, bionomia, interação vetor-hospedeiro, ecologia das leishmanioses, transmissão de outros agentes e métodos de coleta. No prefácio, o eminente “leishmaníaco” inglês Robert Killick-Kendrick destaca o contexto especial do Brasil em relação à diversidade de *Leishmania* spp., no qual verifica-se a incidência de sete das 12 espécies de leishmânias neotropicais que acometem o homem e são associadas às diferentes manifestações clínicas das leishmanioses, cinco das quais exclusivas do país.

Do mesmo modo, o Brasil também se destaca pela ocorrência em sua área da maior parte das espécies de flebotomíneos registrados na até hoje maior e melhor compilação de espécies já realizada, o célebre clássico de Young & Duncan publicado em 1994: *A Guide to the Identification and Geographic Distribution of Sand Flies in México, the West Indies, Central and South América (Diptera: Psychodidae)*. Até aquele ano, 229 das 400 espécies conhecidas eram verificadas em nosso território, reafirmando a importância de nossa notória biodiversidade também neste grupo de dípteros.

Embora de uma maneira geral ser uma obra oportuna e bem-vinda, o livro apresenta erros primários de revisão e algumas deficiências e limitações. A foto da capa não é das melhores, pois não representa fielmente a cópula natural dos flebotomíneos. Verifica-se também uma série de referências incorretas, revelando a falta de uma revisão acurada para uma publicação deste porte. O livro também peca pela falta de contextualização em relação à retomada da linha adotada por célebres estudos brasileiros realizados no século passado, em trabalhos notáveis de pesquisadores como Mauro Barreto e Samuel Pessoa, Otávio Mangabeira Filho, Oswaldo Paulo Forattini e Amílcar Vianna Martins, que tornaram-se clássicos como *Entomologia Médica* (v. 4, 1973) e *American Sandflies* (1978), esgotados e sem novas edições revistas e atualizadas.

Uma exceção talvez seja o capítulo de morfologia e taxonomia escrito pela professora Eunice Galati, discípula do Prof. Forattini, no qual ela desenvolve um notável esforço de revisão filogenética da subfamília Phlebotominae para propor uma reformulação na classificação e nomeação de gêneros, subgêneros e séries de 464 espécies, considerando outras estruturas morfológicas, além das usualmente consagradas e aceitas pela imensa maioria dos especialistas e utilizadas pelos técnicos que trabalham em serviços de vigilância epidemiológica. O principal problema para sua aceitação reside justamente aí, pois a nova sistemática considera aspectos morfológicos e caracteres bem mais complexos e de difícil assimilação sem o conhecimento acadêmico necessário para sua compreensão, o que complica ao invés de facilitar o que é já usualmente e internacionalmente aceito para classificar espécies, inclusive pelo notório grupo CIPA (*A Programme for Computer Aided Identification of Phlebotomine Sandflies of the Americas*), constituído nos anos 90 por especialistas sul-americanos e europeus justamente para elaborar, em programa de

computador, uma lista de caracteres de consenso na identificação de flebotomíneos.

As fotos de estruturas morfológicas inseridas no livro poderiam ser reproduzidas em cores para melhor facilitar o aprendizado por estudantes e demais interessados na identificação de flebotomíneos. Da mesma forma, as ilustrações e fotos para o capítulo Interação Vetor-Hospedeiro seriam mais adequadas se fossem em cores. Pelo conjunto das fotos e ilustrações inseridas, certamente por problemas de limitações na produção gráfica, estes aspectos não puderam ser contemplados, pois os mapas e gráficos coloridos são bastante precários e mesmo improvisados.

Como afirmado, no início desta resenha, ficamos na expectativa de que esta louvável iniciativa da Editora Fiocruz venha suprir também, na mesma direção, outras lacunas, com a organização de edições voltadas para os vetores de outras importantes endemias no Brasil, como malária, dengue e febre amarela etc.

Sinval Pinto Brandão Filho
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães,
Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Brasil.